

NINGUÉM NASCE BELA, TORNA-SE BELA
“Miss Brasil”: Beleza e Gênero (1950 - 1980)

José Ricardo Ferraz*

RESUMO: O título deste trabalho, parafraseando Simone Beauvoir, aponta que ser mulher e bela ultrapassa as fronteiras biológicas. A pesquisa estuda o “Miss Brasil”, o mais importante dos concursos de beleza realizados entre 1950 a 1980, em que as participantes representavam os estados brasileiros e as vencedoras saíam do anonimato, transformavam-se em tema de muitas e acaloradas discussões, referências de beleza e comportamento nacionais. Assim, anotamos vinculações entre Misses/beleza/corpos e a valorização do modelo de jovens com sentimentos e posturas reforçadoras das práticas familiares e tradicionais, em um período (1950 - 1980) que já apontava para as transformações da sexualidade.

Palavras-chave: beleza; mulheres; gênero; corpo.

ABSTRACT: With the title of this work paraphrasing Simone de Beauvoir, one can realize that being a woman and a beautiful one goes beyond biological boundaries. The research studies how the catwalks of “Miss Brasil”, the most important beauty pageant held from 1950 to 1980. The participants represented all Brazilian states, and the winners came out from anonymity, becoming the theme of multiple and hot discussions, references of national beauty and behavior. Thus, we have noted links between Misses / beauty / bodies and appreciation of the youngsters’ standards of feelings and the reinforcing and traditional postures of the family practices in a period that had already indicated the transformations of sexuality.

Keywords: Beauty , women, gender; body.

Introdução

Os Estados brasileiros se apresentam
 Nesta festa de alegria e esplendor
 Jovens misses, seus Estados representam
 Seus costumes, seus encantos, seu valor.
 Em desfile nossa terra, nossa gente
 Pela glória do auriverde em céu de anil
 Sempre unidos
 Leste, Oeste, Norte, Sul
 Na beleza das mulheres do Brasil.
 (FAISSAL. Canção das Misses)

A letra acima é da Canção das Misses, música cantada anualmente pelas candidatas ao título de “Miss Brasil” no Maracanãzinho, Rio Janeiro, durante a disputa de *a mais bela do ano*. “Miss Brasil” era o mais importante dos concursos de beleza realizados entre 1950 e 1980, e seu sucesso aumentou muito com a chegada da televisão e apoio de Assis Chateaubriand, proprietária

* Doutorando em História - UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: jrf10@bol.com.br.

Dossiê Transversos: O Corpo na História e a História do Corpo, Rio de Janeiro, v. 05; n. 05;
 Ano 02. dez. 2015.

rio e líder dos Diários Associados, do qual faziam parte a revista *O Cruzeiro e O Jornal*, que divulgavam, exaustivamente, as candidatas aos concursos municipais, estaduais e, evidentemente, ao “Miss Brasil”. Segundo José Ramos Tinhorão, a ideia de trazer a televisão para o Brasil era antiga e foi alimentada por Chateaubriand desde 1948, pois ele sabia que a concentração capitalista

(...) também se operava na área da informação e do lazer, e nenhum grande proprietário de empresas de rádio e jornalismo seria dono de uma boa fatia do mercado sem incluir em sua cadeia de empresas o novo tipo de instrumento de veiculação de anúncios, informações e entretenimento que era a televisão (TINHORÃO, 1981:60).

Para Ana Lúcia de Castro, o desenvolvimento do cinema e da televisão e sua rede de *olimpianos*, muito contribuiu para os profissionais dos cuidados com o corpo venderem suas imagens e produtos. As estrelas de cinema com sorriso branco e cabelos brilhantes vendendo creme dental e xampu anunciavam novas práticas, difundiam uma nova maneira de lidar com o corpo e um novo conceito de higiene (CASTRO, 2007:15).

No período contemplado por esta pesquisa, o Grupo Diários Associados além de patrocinador oficial do “Miss Brasil”, detinha a prioridade para a divulgação das suas imagens. Para Carla Bassanezi, a década de 1950 contribuiu imensamente para novas discussões sobre a mulher e seu papel social, pois, segundo a autora:

(...) diante da onda de transformações que abarcava o país, os comportamentos entre os sexos também foram alterados, já que vivendo nas cidades, homens e mulheres tornaram-se mais próximos, contribuindo para modificações nas práticas sociais familiares. Os papéis considerados “femininos” e “masculinos” continuavam distintos, nivelados pela moral sexual que previa para os homens a autoridade sobre as mulheres, sendo responsável pelo sustento da esposa e dos filhos. (...) A moralidade do momento era favorável às experiências sexuais masculinas, restringindo a sexualidade feminina ao casamento convencional (BASSANEZI, 2004:68).

A transmissão do “Miss Brasil” pela televisão popularizaria os concursos de beleza a tal ponto que só podemos pensar nas décadas de 1950 e 60 quando consideramos que o “Miss Brasil” é um dos elementos *constituintes* do período, e não apenas uma das paisagens emolduradas por um grande e limitador *contexto*. Tendo como referência de análise a caixa de ferramentas de Foucault, o ritual do concurso aparece como um *dispositivo* que seleciona qualidades, estabelece ausências e presenças, vigia comportamentos, avalia e estabelece modelos para corpos que mais disciplinados garantem a obediência e hierarquizam.



Figura 1: Adalgisa Colombo – “Miss Brasil” 1958

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Miss_Brasil#mediaviewer/Ficheiro:Adalgisa2.jpg

Todos estes valores ficam expressos na declaração de Maria Augusta Nielsen, diretora da SOCILA e responsável por ensaiar as candidatas, chamadas por ela de *meninas*, *moças*, quase *minhas filhas*: “O grupo de moças deste ano é dócil, obediente. Aceitou os meus conselhos e cumpriu todas as recomendações. De ano a ano a coisa vai melhorando” (LEMOS, 1964:11).

Ela estava se referindo ao concurso *Miss Guanabara* de 1964 no qual foi eleita Vera Lúcia Couto dos Santos, a Miss Renascença, que, segundo a revista *O Cruzeiro*, era a primeira mulata a *merecer* o título de Miss Guanabara. Em análise do comportamento dos jurados naquele concurso, Ubiratan de Lemos observa que “ninguém votou em *branco* (grifo meu) e, mais ainda, que “Vera desfilou absoluta, marcando a aristocracia da sua faixa racial. Ninguém negou a Vera o gesto de saber-andar-para-os-outros-verem(sic) (LEMOS, 1964:6).

Apesar das inúmeras críticas que os concursos sofreram do movimento feminista a partir dos anos 1960, principalmente, por Naomi Wolf, jornalista e escritora, que denunciava os concursos e os organizadores desses eventos, acusando-o de impor um determinado modelo de mulher e um ideal de beleza, o “Miss Brasil” ganhava mais prestígio. Em comentários sobre os concursos e as candidatas, assim se expressou Naomi:

O direito de um homem de julgar a beleza de qualquer mulher, enquanto ele próprio não é julgado, não é questionado porque é considerado divino. Tornou-se de tamanha importância que a cultura masculina o exerça porque ele é o último direito não contestado a permanecer intacto dentre a antiga lista dos privilégios masculinos: aqueles que se acreditava terem sido concedidos por Deus, pela natureza ou alguma outra autoridade absoluta para que todos os homens exercessem sobre todas as mulheres. Dessa forma, esse direito é exercido diariamente com severidade muito maior para compensar os outros direitos sobre as mulheres e as outras formas de controlá-las, hoje perdidos para sempre (WOLF, 1992: 114,5).

Este discurso feminista abordando exploração sexual, dominação e abusos nos remetem aos anos 60 e 70 do século passado, quando a visão dos movimentos feministas sobre o corpo e as mulheres ainda estavam categorizados pelas políticas de opressores e oprimidos, vilões e vítimas. Mas, se abandonarmos a ideia de um poder detido por uns em detrimento de outros, de um poder que vem, em forma piramidal, de *cima*, e a todos coloca sob seu domínio, e em seu lugar pensar no *poder* como uma *rede de práticas*, entenderemos que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se *exerce*. Vale ressaltar a contribuição de Foucault, para a compreensão de uma distinta noção de poder que vai se constituindo através de redes:

Foucault concebe o poder não como algo que se possui, nem como algo fixo, nem tampouco como partindo de um centro, mas como uma relação, como móvel e fluido, como capilar e estando em toda a parte. Assim, em oposição ao marxismo, para Foucault, o saber não é o outro do poder, não é externo ao poder. Em vez disso, poder e saber são mutuamente dependentes. Não existe saber que não seja a expressão de uma vontade de poder. Ao mesmo tempo, não existe poder que não se utilize do saber, sobretudo de um saber que se expressa como conhecimentos das populações e dos indivíduos submetidos ao poder (SILVA, 2000: 124).

A partir da segunda metade do século XX registramos as lutas das mulheres por maior independência, e também a internacionalização da economia que trouxe uma mudança nos hábitos e padrões de consumo, principalmente nos centros urbanos. O Brasil dos anos 1950 teve grande apoio do governo à expansão industrial, visando o crescimento da produção dos bens de consumo, o alargamento do mercado interno e a elevação da renda nacional. Juscelino Kubitschek assumiu a presidência e o desenvolvimentismo permaneceu como ideologia do seu governo que incentivou a implantação de empresas multinacionais e privilegiou o desenvolvimento de estratégias voltadas a infraestruturas urbano-industriais (CARDOSO, 1977: 77,8). O ano de 1968 foi marcado por manifestações sociais, políticas e culturais em várias partes do mundo, destacando-se a rebeldia dos movimentos estudantil e operário. No Brasil, diante do quadro político, o ano de 1968 chegou a ser visto como *o ano que não terminou*.¹

O ano de 1969 trouxe Vera Fischer como Miss Brasil, e já apresenta o espírito que definiria a década de 1970: em um tom mais ácido, revela as experiências com drogas, a perda da inocência, a revolução sexual e os protestos juvenis contra a ameaça de endurecimento dos governos.

¹ Livro de Zuenir Ventura que retrata, em estilo jornalístico, os fatos marcantes do conturbado ano de 1968 no Brasil e no mundo. Em tom narrativo são citados importantes personagens, obras e músicas da época.



Figura 2: Vera Fischer - "Miss Brasil" 1969

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Miss_Brasil#mediaviewer/Ficheiro:VeraFischerPorAndreaFarias.jpg

Mas, quem eram e como as moças *ingênuas* se transformavam em Misses? Afinal, o que é ser Miss? Para Vigarello, a simples "adoção da palavra Miss confirma a progressiva ascensão norte-americana no que se torna cultura de massa, difuso em grande escala da imagem, do filme, do som" (VIGARELLO, 2006:154). Vejo que o uso da palavra Miss não se deve tão somente àquela invasão cultural pois, inúmeros concursos com os mais diferentes nomes passaram a ser realizados como, por exemplo, "Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul", primeiro concurso vencido pela futura "Miss Brasil" e "Miss Universo" Ieda Maria Vargas.



Ieda Maria Vargas - "Miss Brasil" e "Miss Universo" 1963

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ieda_Maria_Vargas#mediaviewer/Ficheiro:IedaMVargas.jpg

Havia concursos para todos os tipos e candidatas: Rainha do Carnaval, Rainha do IV Centenário do Rio de Janeiro, concurso realizado em 1965 em homenagem aos quatrocentos anos da fundação da Cidade Maravilhosa e vencido por Solange Dutra Novelli. Rainha dos Jogos da Primavera, um concurso anual que reunia estudantes no Maracanãzinho e que elegeu Denise Rocha de Almeida como Rainha dos Jogos de 1962. Ela seria a Miss Brasília 1963, quarta colocada no "Miss Brasil" do mesmo ano e representante brasileira no Miss Nações Unidas, realizado em Majorca, Espanha.

Dossiê Transversos: O Corpo na História e a História do Corpo, Rio de Janeiro, v. 05; n. 05; Ano 02. dez. 2015.

Miss Suéter. O concurso tinha como perfil escolher as moças com os bustos mais proporcionais e inspirou a composição de mesmo nome de João Bosco e Aldir Blanc, que fez grande sucesso nas vozes de Ângela Maria e Cauby Peixoto. A letra descreve a emoção de uma jovem simples e escriturária do INPS ao ser eleita Miss Suéter e que, já de cetro e coroa, dedica o título à mãe. Eis a letra:

Fascínio tenho eu / Por falsas louras / (aí, a negra lingerie). Com sardas / Sobrancelha feita a lápis / E perfume da Coty / Na boca / Dois pivots tão graciosos / Entre joias naturais / E olhos tais minúsculos aquários / De peixinhos tropicais / Eu conheço uma assim / Uma dessas mulheres que um homem não esquece Ex-atriz de TV / Hoje é escriturária do INPS / E que dias atrás / venceu lá o concurso de Miss Suéter. / Na noite da vitória / Emocionada, entre lágrimas falou: / - "Nem sempre a minha vida foi tão bela / Mas o que passou, passou... / Dedico esse título a mamãe / Que tantos sacrifícios fez / Pra que eu chegasse aqui, ao apogeu / Com o auxílio de vocês" / Guardarei para sempre / Seu retrato de miss com cetro e coroa / Com a dedicatória que ela / Em letra miúda, insistiu em fazer: / "Pra que os olhos relembrem / Quando o teu coração infiel esquecer (BOSCO, João e BLANC, Aldir, 1976).

O concurso permitia às moças que mostrassem e desfilassem seus atributos físicos, afinal a beleza era o principal *capital social* das mulheres na época. Deste modo, embora os corpos fossem expostos (a perna de fora coberta com saiotê) este não era exibido *eroticamente*, pois a beleza que estava em julgamento era a do corpo agregada aos valores morais. As manifestações que exaltassem a sensualidade eram desestimuladas, e a beleza desejada trazia certo ar de ingenuidade e de pureza bem típicos dos *anos dourados*.

O concurso "Miss Brasil" foi o dispositivo pelo qual se criou e se modelou, não apenas um novo *sujeito*, a Miss, mas, também outras categorias como a beleza, a pureza e a feminilidade, já que a eleita representava ao mesmo tempo a beleza física agregada aos valores sociais mais importantes do período (a virgindade, a simpatia, e acima de tudo confirmar os valores que se esperavam de uma moça de reputação e de boa família). E para Lipovetsky:

Ao longo dos séculos, os poetas se maravilharam com os encantos da bela, os pintores e escultores glorificaram a plástica de Vênus, os livros de "segredos" propagaram as receitas de sedução feminina. Ainda em nossos dias, as fotografias de moda, os institutos e concursos de beleza, os conselhos e produtos cosméticos não cessam de recompor o primado da beleza feminina, de reproduzir a importância da aparência na identidade feminina. (LIPOVETSKY, 2007: 101,2).

A escolha das misses sempre reunia uma plateia eclética: parentes e torcidas organizadas, vindas de diferentes partes do Brasil, famílias de classe média e mesmo uma pomposa parcela de empresários, que ganhava espaços reservados, quando não, uma cadeira entre os jurados (O CRUZEIRO:1962:8). Estes eram um espetáculo à parte no grande show da eleição, e a questão

política nos concursos começava já na escolha do júri a lista era constituída das figuras mais representativas da sociedade, como se vê no concurso que elegeu Marta Rocha, cujo corpo de jurados era constituído por: Fernando Sabino, Pompeu de Souza, Helena Silveira, Paulo Mendes Campos, Armando Fontes, Santa Rosa e Manuel Bandeira, e o voto de Minerva foi do poeta Manuel Bandeira. No relato da própria Marta observamos:

Desfilamos de vestido depois, até que os jurados anunciassem a escolha. Em segundo lugar, chamaram a Zaida Saldanha, Miss Estado do Rio, uma moça bonita com uma bela presença. E m primeiro lugar, fizeram aquele suspense: Miss Bahia, Martha Rocha! Explodi de alegria, a platéia vibrou. Todo mundo aplaudiu muito e fiquei orgulhossíssima quando o Manuel Bandeira, um dos jurados, me colocou a faixa de “Miss Brasil” (ROCHA, 1993:61).

Ao analisar os júris dos concursos de Miss Guanabara e “Miss Brasil”, é possível verificar que mais de 80% são constituídos por homens. Será que as mulheres não estavam aptas para julgar a beleza de outras mulheres? Para Mônica Raisa Schpun, “de fato, a ideia de que mulheres pudessem julgar a beleza de outras mulheres não existia entre os organizadores. Nesta ordem discursiva as mulheres apresentam-se, exibem-se, expõem suas qualidades físicas ao julgamento dos homens, que as observam, decidem sobre os critérios e graus de beleza, elegendo as que serão, para todos, as mais belas, parece reproduzir divisão de papéis totalmente natural” (SCHPUN, 1999:123).

Gênero

Para Andréa Lisly Gonçalves, com a categoria *gênero* estaria consumada a superação de noções universais, fossem de homens ou de mulheres. A introdução desta categoria, relacionada ao contexto social, portanto, levou à consideração da “diferença da diferença”. Não cabia, assim, a utilização do termo mulher sem adjetivá-lo: mulheres mestiças, negras, judias, trabalhadoras, camponesas, operárias, homossexuais (GONÇALVES, 2006:74).

Em relação às questões de gênero, Georges Vigarello,(2006) afirma que tudo muda a partir de 1960: é impossível pensar, como antes, no horizonte do masculino e do feminino. Cidadania, conquista de saberes, controle da procriação, estatuto da mulher casada, liberdade sexual: tantas brechas nas cidadelas masculinas quantas modificações nas relações entre os sexos. As mudanças ocorridas na escrita da história, principalmente, a partir dos anos 1970 e 1980, levou a uma pluralidade de métodos e objetos, entre eles, a História das Mulheres. Como bem exemplifica Rachel Soihet as novas tendências fazem emergir o estudo do *feminino* nos mais diversos campos.

Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também se introduzem novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros (SOIHET,1997:280).

As questões femininas, entendidas como chave da produção científica contribuiu para a crítica dos paradigmas das ciências humanas. O que permitiu inquirir uma história universal conformada e informada pela história do homem branco. Logo, uma produção feminista que problematiza as correntes historiográficas e introduz outros sujeitos. Esse movimento considerado político, cuja bandeira é a igualdade, tem ressonância nas feministas acadêmicas, iniciando um questionamento da história e introduzindo a análise sobre as mulheres. Segundo Margareth Rago há um grande impacto na produção científica, iniciando-se os estudos sobre as mulheres, o seu universo, a cultura feminina e as relações entre os sexos, ao mesmo tempo em que o próprio *feminismo* é colocado como objeto de estudo (RAGO, 2013:1).

Enquanto as feministas dos anos 1980 vão utilizar a categoria gênero para problematizar as naturalizações do sexo biológico, Judith Butler propõe desconstruir o próprio conceito de gênero. Para esta autora “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003:25). Ela não considera o sexo *natural*, mas, cultural e discursivo como o gênero.

A autora também discute o conceito *mulheres*. Para ela há uma normatização na troca da categoria mulher para mulheres, ainda que essa mudança tenha sido pensada para contemplar a diversidade das mulheres, visto que o feminismo sofreu críticas quanto ao uso do termo mulher, por este não dar conta da pluralidade (raça, etnia, geração, classe, etc.). Ao pensar a categoria *mulheres* a partir de um conteúdo universal ou até mesmo específico, visando à garantia de solidariedade para o movimento, produziram facções e a identidade como ponto de partida. O que não se sustenta como base para a ação política, uma vez que as identidades nunca serão meramente descritivas, mas sempre normativas e como tal, exclusivistas.

Complementarmente, a concepção de gênero possibilita o questionamento da categoria “mulher”. Assim, ao destacar a diferença através de variáveis como idade, classe social, etnia e o próprio gênero, recusa a existência de uma identidade feminina comum e universal e aponta para a multiplicidade interna das categorias “mulheres” e “homens”. Pensamento que ancora as reflexões deste texto, ou seja, o caráter social e cultural das diferenças entre homens e mulheres, nega qualquer determinismo biológico e na articulação entre classes sociais e gênero para interpretar e reconstruir os intercruzamentos entre as esferas de poder envolvidas no concurso. Além disso, o

gênero como uma forma primeira de significar as relações de poder, orienta que as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas nem a direção da mudança ou seu significado seguem sentidos únicos (SCOTT, 1990:5-22 e 1992: 63-96).

Corpo

Pensar o corpo na atualidade requer analisá-lo sobre vários prismas. Tarefa nada fácil de ser realizada, pois, as práticas corporais estão em evidência e trazem em si muitas dimensões a serem consideradas. O corpo manifesta as práticas culturais, e neste sentido é socialmente educado para se apresentar e representar essas determinações historicamente produzidas. Realizar uma discussão sobre o corpo torna-se de grande relevância para entendermos o porquê do seu atual culto e o seu profundo significado social. Segundo os valores estabelecidos, entende-se que as pessoas invistam num padrão de beleza, relacionado com formas idealizadas de se comportar ou, em uma linguagem foucaultiana (2006), de transformar o corpo dos indivíduos em *corpos úteis*. Enfim, métodos que permitem o controle das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade são o que se pode chamar de *disciplinas*. Essas marcas rituais da obediência têm como fim um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo. Forma-se, então, uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. A disciplina assim fabrica corpos submissos, “corpos dóceis”.

As múltiplas faces das dobras do tempo são reveladas materialmente na arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, no vestuário, nos objetos, mas, sobretudo, no corpo. Ele é inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades. É sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social (SOARES, 2001:109).

A compreensão do corpo desenvolve-se em estudos culturais pelo seu reconhecimento como um ponto significativo, e uma abordagem semiótica pode ser aplicada a ele. Na caracterização de Umberto Eco (apud ANDREW, 2003:72) o corpo aparece como *uma impressionante máquina de comunicação*. O corpo não está simplesmente lá, como um fato bruto da natureza, mas é incorporado pela cultura. É através do corpo que os indivíduos podem conformar-se com ou resistir às expectativas culturais impostas a eles. O corpo como expressão e sustentáculo das forças de poder e de saber, que se articulam estrategicamente, na história da sociedade ocidental.

Sobre o corpo encontra-se o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também estes se atam e de repente se exprimem, mas nele também se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (MACHADO, 1979:22).

Modos de ver que iluminam a discussão e escrita das mais variadas histórias, problematizando temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional, dando visibilidade e, em especial, dizibilidade a novos personagens, e permitindo que trabalhos como este, analisem as questões do corpo e da beleza a partir das passarelas do concurso “Miss Brasil”. Quais seriam os atributos para se candidatar ao Miss? Não bastava ser considerada bonita ou bela, era preciso ser *perfeita* como a “Miss Brasil 1961”, Staël Maria Abelha. O destaque para uma certa matematização da beleza se destaca na descrição do jornalista da Revista O Cruzeiro (1961)

“Olhos castanhos, 1m70 de altura, 58 quilos, 98 cm de busto, 58 de cintura, 98 de quadris, 56 de coxa, 22 de tornozelo e 19 anos de idade”. Como era lembrado em diversas matérias sobre os concursos, “há detalhes de medidas, proporções, maneiras de ficar em pé, sentada, modos de andar, relação entre os ombros bonitos e todo o resto que suporta esses ombros” a serem considerados e, por isso, quatro polegadas a mais no quadril ou alguns centímetros a menos no busto adiavam o sonho da jovem candidata a miss ou o impedia para sempre.(LEMOS, 1961:4,6)

Durante o período de 1953 a 1976, as misses ficavam sob o comando da bengala de Maria Augusta Nielsen, “a fundadora da SOCILA - Sociedade Civil de Intercâmbio Literário e Artístico, uma escola para modelos, na época uma profissão *mal vista*. Ela diz: “com o fechamento dos cassinos por Getúlio Vargas, os desfiles foram invadidos pelas coristas desempregadas, as moças bem nascidas, que até então faziam esse trabalho, se retiraram”. Maria Augusta pretendia criar modelos brasileiras *de classe*, e a primeira que ela preparou foi a cearense Florinda Bulcão (Bolkan), logo depois veio Ilka Soares e Maria Augusta diz que teve muita sorte, quando Sarah Kubitschek a procurou para ensinar postura às suas filhas. (FERNANDES, 1970). A Revista Realidade, em um artigo “Porque choram as misses”, aponta que:

Miss tem que saber desfilas, para não dar vexame. E vão para as mãos de dona Maria Augusta, que tem uma escola de modelos, e há nove anos acompanha o concurso de “Miss Brasil”, ensinando andar, parar e rodopiar. Comanda tudo com uma bengala, e umas batidas no chão: A marcação da bengala é a marcação internacional. As moças saem daqui já sabendo desfilas como nos outros países (MARÃO, 1966:90).

As candidatas desfilavam em trajes de noite, banho, e, depois de 1963 passaram a desfilas, também, em *trajes típicos*, prova que não contava pontos, pois era o momento de confraternização das meninas “de todos os Estados brasileiros” que *esquecendo as diferenças*, se uniam em

torno da beleza e exotismo daqueles trajés, representantes dos *costumes* de todos os Estados, como diz a Canção das Misses que abre este trabalho.

Referências bibliográficas:

ANDREW Edgar, Peter Sedgwick (Eds) **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo. Contexto. 2003

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BOSCO, João e BLANC, Aldir. Miss Suéter. CD **Galo de Briga**. 1976

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Mirian. **Ideologia do desenvolvimento – Brasil: JK – JQ**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo**. São Paulo. Annablume. 2007

FERNANDES, Eugênia. "Se Maria Augusta falasse" in **Revista Manchete** nº 967, de 0.11.1970

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. História da violência nas prisões**. 31. ed. São Paulo: Vozes, 2006

GOLDENBERG, Mirian. Org. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. Barueri. São Paulo. Estação das Letras e Cores Ed. 2007.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 2006

LE MOS, Ubiratan de. "Staël venceu por aclamação" in **Revista O Cruzeiro**, 01 jul. 1961.

_____. "Na eleição de Miss GB 61 Leblon levou a faixa" in **Rev. O Cruzeiro**. 24.06.1961.

_____. **Revista O Cruzeiro**. 18 de julho de 1964.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Cia das Letras. 2007.

MACHADO, Roberto. (Org.) **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro. Graal. 1979

MARÃO, José Carlos. Pobre Menina Miss in **Revista Realidade** nº 5, de agosto de 1966.

RAGO, Margareth. http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf acesso em 10.07.2012

_____. http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf acesso em 20.01.2013

ROCHA, Martha. **Uma biografia em depoimento a Isa Pessoa**. Objetiva. Rio de Janeiro. 1993.

SCHPUN, Mônica Raissa. **Beleza em Jogo – Cultura Física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo. Boitempo Editorial. 1999

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 16, p. 5-22, jul./dez. 1990.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, P. (org.). **A escrita da história**. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teorias do currículo: uma introdução crítica**. Portugal: Porto, 2000.

SOARES, Carmen. (org) **Corpo e História**. São Paulo. Câmara Brasileira do Livro. 2001.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da História. Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV**. São Paulo. Ática. 1981

VIGARELLO, Georges. **História da beleza - o corpo e arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações. 2006.

WOLF, Naomi. **O MITO DA BELEZA: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro. Ed. Rocco. 1992.

Como citar:

FERRAZ, José Ricardo. Ninguém nasce bela, torna-se bela. “Miss Brasil”: beleza e gênero (1950 – 1980). **Revista Transversos**. “Dossiê: O Corpo na História e a História do Corpo”. Rio de Janeiro, Vol. 05, nº. 05, pp. 74-85, Ano 02. dez. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2015.19798.